

ENTREVISTA COM ARTHUR C. DANTO

Tradução Susana de Castro

O filósofo octogenário Arthur C. Danto é um dos maiores filósofos vivos da atualidade. No Brasil duas de suas obras foram traduzidas, *Transfiguração do Lugar comum* e *Após o fim da arte*. Abaixo a entrevista que fizemos por email com ele.

Redescrições: de Platão a Heidegger os filósofos tentaram justificar a realidade especial das obras de arte. Na *Origem da obra de arte*, Heidegger diz, como você, que a obra de arte possui um lado bem ordinário enquanto um artefato comum, mas também possui algo além da sua materialidade, a questão, então, é determinar o que seria esse outro. A obra de arte diferente dos artefatos são alegorias e símbolos (no sentido grego dos termos), diz Heidegger. No seu livro *Transfiguração do Lugar Comum*, você afirma que as obras de arte são representações. A fim de entender corretamente o que são obras de arte precisamos definir o que representam. Quais são as diferenças entre o seu conceito de representação e o conceito de símbolo utilizado por Heidegger para caracterizar a tradição segundo a qual se move a caracterização da obra de arte? Você concordaria que ele está apontando para uma realidade fora do artista enquanto você não?

Danto: através da representação, uma obra de arte é limitada pelo artista e o seu entendimento. Um templo em nenhum sentido é capaz de se tornar uma edificação cristã, apesar de que quando o rei se converte ele pode decretar que o templo romano é agora uma edificação cristã. Isso pode ter ocorrido ao se colocar uma cruz na porta da frente. Em sentido algum é algo que o rei “descobre”. O arquiteto não se torna um cristão depois de sua morte. Se Heidegger está se movimentando em direção a uma realidade fora do sujeito, não há um limite para aquilo que pode ser, e nenhuma verdade de interpretação. Considere a Torre Eiffel, imagine quando conquistaram Paris os alemães tivessem declarado que ela seria a Sublimidade do Espírito Alemão. Na minha perspectiva, apenas o que está nas intenções do artista pertence ao que a obra é.

Redescrições: a arte POP algumas vezes é erroneamente descrita como um movimento artificial ou superficial, especialmente no que diz respeito às obras de Andy

Warhol. Você concordaria que os seus escritos sobre Andy Warhol tiveram o efeito de mostrar o quanto de trabalho árduo se escondia por trás de suas obras?

Danto: Alguma vezes é sugerido que Warhol poderia ter usado como “readymades” simplesmente caixas de cartolina. De fato, no museu de arte moderna de Stockholm inúmeras centenas de caixas foram colocadas no edifício para provocarem efeito. Warhol queria que as caixas tivessem lados e cantos nítidos. Assim, ele tinha que as ter mandado ser fabricadas de madeira, o próprio oposto do produto pronto (readymade).

Redescrições: atualmente há uma grande exposição das gravuras de Jasper Johns em São Paulo¹. Como você avalia a sua contribuição para o movimento pop?

Danto: Jasper Johns foi Pop no sentido em que suas imagens são realidades – números, letras, cores, alvos, bandeiras. Elas são realidades e representações ao mesmo tempo. São pintadas belamente.

Redescrições: Você conhece o trabalho de Ron Athey? Ele acaba de se apresentar sua performance “St. Sebastian/50” no Rio de Janeiro no projeto “Entre Lugares, Rio – Londres”². Como você vê o efeito das performances para a história da arte, já que uma performance é um evento único e efêmero enquanto um quadro possui a vantagem da durabilidade?

Danto: Não conheço o trabalho de Ron Athey. Mas uma performance implica um corpo, propriedade de uma única pessoa. Marina Abramovic treina seus estudantes para realizarem suas performances. Dessa forma as performances de Marina podem fazer parte dos conteúdos do museu. Não sei como solucionar esse problema.

Redescrições: muito obrigada por essa entrevista.

¹ A exposição “Jaspes Johns – Pares trios álbuns” está no Instituto Tomie Ohtake.

² Ron Athey apresentou-se no dia 23 de Junho no teatro Sergio Porto.